



“OS MENINOS, ELES É QUE GANHAM”: PERCEPÇÕES DE GÊNERO DE PROFESSORAS SOBRE BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Roseane de Oliveira Gomes¹

¹ Professora em Prefeitura Municipal de Araruna; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba; Pós graduada em Gênero e Diversidade na Escola; e-mail: roseanegomes12@hotmail.com.

RESUMO

A educação infantil é o primeiro contato que a criança tem com a educação básica. Nesse período que vai de zero a seis o desenvolvimento integral da criança nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social é essencial, juntamente com a ação da família e também da comunidade. Nessa fase estima-se que uma prática bastante comum em que as crianças são separadas na hora de brincar esteja presente no cotidiano da educação infantil moldando a sua formação desde tenra idade. O objetivo desta pesquisa foi mostrar a percepção de quatro professoras da educação infantil, quanto às brincadeiras das crianças na escola, sob a perspectiva de gênero. A pesquisa realizada é caracterizada como qualitativa e exploratória. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados a observação participante e um questionário com perguntas abertas, aplicado a professoras das turmas do pré-escolar. No final, os dados foram cruzados com a bibliografia utilizada para, de maneira contextual, analisar os resultados. Para fundamentar a pesquisa recorreu-se à bibliografia especializada utilizando principalmente autores/as como Finco e Louro. A pesquisa apontou aspectos das desigualdades de gênero no momento de meninos e meninas brincarem, evidenciando a importância de as crianças brincarem juntas sem discriminação de gênero, e, em certos momentos, sob a intervenção dos/as educadores/as.

Palavras-chave: Gênero, Brincadeiras, Meninos (as).

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da necessidade de se refletir quanto às brincadeiras na educação infantil sob a ótica de gênero, tendo como fio condutor as percepções das professoras da educação infantil sobre algumas brincadeiras e formas de brincar de meninos e meninas. A motivação para realizar esta pesquisa partiu das minhas reflexões sobre gênero nas relações/brincadeiras entre meninos e meninas, que foi pautada no curso de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola, para averiguar que reflexão as professoras que fizeram parte desta pesquisa têm sobre o assunto. A brincadeira é uma das possibilidades que a criança se expressa, constrói e revela a sua identidade de gênero, as relações de gênero que vão sendo construídas e, ao mesmo tempo, como vão formando meninas, meninos, homens e mulheres. Percebemos, nas observações realizadas, indícios de preconceito e discriminação na percepção de professoras acerca das brincadeiras, principalmente quando uma dessas brincadeiras é considerada “específica” para meninos e meninas, exemplo



brincar de boneca ou carrinho. As brincadeiras são atividades férteis para a aprendizagem e o desenvolvimento, principalmente de socialização. Essa temática não é assunto novo, pois Fröebel (1987) apud Kishimoto (1996) afirma que a brincadeira também ocupa uma posição relevante na história do pensamento pedagógico sobre a primeira infância², e sempre defendeu que a brincadeira constitui o mais alto grau de desenvolvimento da criança, já que é a expressão livre e espontânea do interior.

A brincadeira e os brinquedos utilizados como recursos didáticos podem ter o propósito relevante que é proporcionar aos alunos e alunas prazer e alegria em aprender brincando, todavia além das diversas possibilidades de construção da identidade de gênero é na brincadeira. Diante desse contexto, o tema abordado na pesquisa visa a repensar essa prática em sala de aula, na educação infantil – pré-escolar em uma cidade da zona urbana do município de Araruna. Com o objetivo de colher dados e informações necessárias para explorar de forma mais sucinta e específica o tema da pesquisa, utilizamos um questionário com perguntas abertas, aplicado a quatro professoras, como também fiz uso da observação participante durante momentos em que as crianças brincavam livremente ou sob a intervenção dos/as educadores/as na escola que a pesquisadora atua como professora. Sob o prisma das relações de gênero, algumas perguntas foram se impondo e merecendo a minha atenção, a partir de uma problemática percebida pelo conhecimento da sala de aula: qual a concepção das professoras sobre as relações de gênero? As professoras da educação infantil separam as crianças no momento de brincarem? E se existe uma separação, por que separar? Portanto, o objetivo desta pesquisa foi analisar a percepção das professoras acerca das brincadeiras das crianças na escola.

A contribuição da pesquisa implicará uma maneira de repensar os momentos de brincadeiras entre meninos e meninas, além de apontar a necessidade da formação continuada para os/as professores/as que ainda não estudaram as relações de gênero, abrangendo e dando continuidade às discussões do curso de Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa proporcionou uma compreensão da importância de a criança brincar sem restrições, discriminação e preconceito - do que brincar e com quem brincar, pois é uma das maneiras de promover relações de gênero entre as crianças, contribuindo para o conhecimento teórico do tema para professores/as, bem como, para mim como professora e pesquisadora.

²De acordo com Vidigal (2013) chama-se Primeira Infância ao período que vai desde a concepção de bebê até o momento em que a criança ingressa na educação formal.



2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como intenção o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e do Estado, conforme o que preceitua o art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/1996 (BRASIL, 1996). Uma educação de qualidade nessa fase de escolaridade promoverá até a fase adulta condições de enfrentamento dos desafios que a vida apresenta, seja na vida pessoal ou profissional. Uma das estratégias para que essa educação seja de qualidade está em “[...] incluir a discussão das questões de gênero” (FINCO; VIANA 2009, p. 271). Diversas pesquisas apontam uma carência de trabalhos sobre as relações de gênero na infância (FINCO, 2003; FARIA, 2002; ROSEMBERG, 2001).

Presenciam-se desigualdades, discriminações e preconceito nas escolhas, no modo de viver, ser ou reagir, até mesmo nos momentos de lazer, no brincar. De acordo com a pesquisa realizada por Finco (2003, p. 90), “[...] a brincadeira apresentou-se como um meio para conhecer e observar a criança mais de perto, um momento em que a riqueza das relações favorece a produção da cultura infantil”.

Nessa fase de inicialização escolar, o desenvolvimento da criança está diretamente ligado à maneira como o professor ou a professora trabalha e se comporta em sala de aula. O brincar é considerado imprescindível à saúde física, emocional e intelectual e se tornou muito presente na contemporaneidade.

O brincar, na educação infantil, possibilita o estudo da relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a importância do lúdico na formação da personalidade. De acordo com Faria (2002) é necessário estudar as relações na educação infantil, pois nesse espaço vivem-se as mais distintas relações de poder, confrontam-se os gêneros, etnias, classe e idade.

Vianna e Finco (2009, p. 272) afirmam que “[...] a educação infantil não só cuida do corpo da criança, como o educa: ele é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que se impõem à conduta dos pequenos os limites sociais e psicológicos”. Porém, os adultos/as distinguem e educam crianças definido nos seus corpos diferenças de gênero. O tratamento dado a meninos e meninas demonstra como são diferenciadas e o que é valorizado para cada um/a e vice-versa (VIANNA;FINCO, 2009). As crianças podem reconstruir papéis sociais nas brincadeiras e evidenciar as percepções que



elas têm de meninos e meninas/homens e mulheres. Por isso, é necessário compreender o que significa gênero. Para Scott (1995, p. 14), gênero é um “[...] elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (e como) um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Vianna e Finco (2009, p. 273) destacam que “[...] meninos e meninas são educados de modo muito diferente [...]”, bem como a família e a escola “[...] orientam e reforçam habilidades específicas para cada sexo”. Um dos momentos favoráveis para as desigualdades é que nas brincadeiras “[...] os estereótipos de gênero vão sendo inculcados nas crianças e que o processo de cuidar é por eles permeado” (GOMES, 2008, p. 150). A disciplina e as capacidades de meninos e meninas, muitas vezes, são definidas por professores/as levando em conta o sexo das crianças. As interações entre meninos e meninas representam de maneira sutil relações de poder (VIANNA; FINCO, 2009, p. 275). Sob esse prisma, investir em uma formação inicial e continuada de professores/as que considere as relações de gênero e seus marcadores sociais é fundamental para a (des) construção de relações de gênero hierárquicas e desiguais.

Observar a criança no seu momento livre de brincar pode gerar ações pedagógicas para mudanças. As relações patriarcais de gênero precisam ser abolidas. O fato de crianças interagirem em brincadeiras em grupos mistos facilitaria a (des) construção de identidade de gênero hegemônica, ou seja, masculina, branca e de elite. Kishimoto e Ono (2008, p. 220) afirmam que “[...] é possível iniciar a desconstrução de que meninos só brincam com meninos e vice-versa. Nos grupos mistos, adquirem-se experiências lúdicas diversas”.

As crianças aprendem quem é mais, quem é menos, quem pode mais, quem pode menos, quem é mais forte e quem é mais fraco em diversas situações e, principalmente, na escola. "As crianças aprendem o sexismo na escola ao se defrontarem com a hierarquia do sistema escolar, onde os papéis feminino e masculino estão determinados" (ALAMBERT apud GALLARDO; VALENZUELA, 1999, p.25). Elas aprendem também com as hierarquias que prevalecem na família, nos espaços em que exercem práticas religiosas, nos grupos de amigos, nos ambientes de trabalho dos/as adultos/as etc. Para Charlot (2008) o/a professor/a ganhou autonomia, porém, ele/a também é um dos responsáveis pelos resultados obtidos pelos alunos/as, e essa mudança política implica uma mudança na identidade desse/a professor/a. O autor destaca ainda que

[...] a escola e os professores devem elaborar um projeto político-pedagógico, levando em conta as características do bairro e dos alunos, mobilizar recursos culturais e financeiros que possibilitem melhorar a eficácia e a qualidade da formação, tecer parcerias, desenvolver projetos com os alunos etc. Essas novas exigências requerem uma cultura



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

profissional que não é a cultura tradicional do universo docente; o [a]professor [a], que não foi e ainda não é formado [a] para tanto, fica um pouco perdido (CHARLOT, 2008, p. 20).

Sendo assim, a escola e o/a professora/a precisam estar informados/as e preparados/as para as questões e acontecimentos que vão surgindo com o passar do tempo, caso contrário acabam reproduzindo ações que não ajudarão na formação dos/as alunos/as. Finco (2003) explica que “[...] não há mais possibilidade de pensar que apenas suas características biológicas determinam a personalidade, mesmo porque essa viagem para dentro deles mesmos confirma a existência de características tidas como femininas ou masculinas em ambos” (FINCO, 2003, p. 94.). As diferenças, segundo a autora, são construídas e não naturais, por isso é que se deve levar em consideração todo o processo histórico que a criança atravessa. Desse modo, ela deve ser considerada em sua multiplicidade de raça/etnia, classe, gênero, geração, dentre outros marcadores sociais.

As crianças não compreendem as desigualdades, o sexismo e a discriminação como eles são reproduzidos e presentes no mundo adulto, porém elas levam consigo o aprendizado da hierarquia e das diferenças impostas para homens e mulheres desde tenra idade; ao longo do tempo essas ideias vão se organizando e se tornando fortes elementos constitutivos de suas identidades moldadas nas relações sociais e de poder.

Reforça-se aqui o papel que a escola e professores/as têm, desde cedo, na construção dos significados, valores e identidades, nas crianças, de forma individual e social. Louro (1997) afirma que a escola é parte importante nesse processo; escola e professores/as precisam trabalhar juntos/as a importância da participação igual de meninos e meninas em diversas atividades na escola. Assim, professores/as da educação infantil têm papel fundamental para que as relações entre meninos e meninas possam acontecer de forma livre, sem cobranças quanto a um papel sexual pré-determinado (FINCO, 2003, p. 95). Charlot (2008) também fala da contribuição do professor/a na formação de alunos/as longe de hierarquias e papéis pré-definidos pela sociedade. De acordo com Charlot (2008), o/a professor/a não deve aplicar regras pré-definidas controladas pela hierarquia, mas ele/a deve buscar estratégias para resolver os problemas unindo o pensamento global e local na contemporaneidade.

As relações das crianças, ao brincarem, devem estar baseadas na curiosidade e no prazer do quê, com quem ou com o que vai brincar. Não podem existir limites na ludicidade vivenciada pelas crianças, no faz de conta e nas trocas de papéis entre elas. As crianças podem trocar os papéis, que são considerados masculinos ou femininos, nas brincadeiras. Finco (2003) alerta: “[...] é importante que se compreenda que o fato de um menino brincar com uma boneca ou de uma menina brincar



com carinho não significa que eles terão uma orientação homossexual” (FINCO, 2003, p. 98). A identidade de gênero não é a mesma coisa da identidade sexual. A identidade de gênero, de acordo com Jesus (2012, p. 24), é como “[...] uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem”.

Louro (1997, p. 27) salienta que “[...] essas identidades estão inter-relacionadas; Nossa linguagem e nossas práticas muito as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa”. Por isso, quando um/a professor/a organiza uma brincadeira separando meninos e meninas, pela sua identidade sexual, e determina o que cada um/a pode brincar, pode favorecer o sexismo e as desigualdades entre ambos os sexos. O antagonismo entre os sexos precisa ser desconstruído à medida que as ações da escola, professor/a e família são colocadas em prática. Segundo Finco (2003, p. 99) “[...] a desconstrução dos polos masculino e feminino traz uma proposta de reflexão e nos aproxima das formas como as crianças se relacionam frente às diferenças de gênero na infância [...]”, apresentam múltiplas formas de ser e agir mais flexíveis que aquelas fundadas na perspectiva adultocêntrica.

Tendo em vista que a escola faz parte do processo de construção da identidade de gênero, participando sutilmente e, muitas vezes, de forma desigual nas relações das crianças na educação infantil e em ambientes coletivos, a seguir, são apresentados os resultados desta pesquisa.

3 APROXIMAÇÕES DO CAMPO DE PESQUISA

3.1 Sujeitos da pesquisa

Realizei a pesquisa numa escola municipal da zona urbana da cidade de Araruna. Na escola funcionam apenas duas turmas de educação infantil do pré-escolar, pois existem apenas duas salas de aula de pequeno porte. O corpo docente da escola é composto por quatro professoras³ divididas nos turnos matutinos e vespertinos, sendo duas professoras titulares e duas auxiliares.

Para a organização das respostas das professoras utilizei letras para sua identificação, preservando, assim, suas identidades e, por conseguinte, suas privacidades. Existe oferta de educação infantil na escola, por isso ela foi escolhida para realizara pesquisa, e as informações adquiridas envolveram professoras e crianças de quatro a seis anos.

3.2 Instrumentos da Pesquisa

³ O quadro docente é todo composto por mulheres.



Tendo como base a investigação sobre as relações de gênero na educação infantil, optei por uma pesquisa de abordagem qualitativa. O objetivo da pesquisa se coaduna ao modo de coletar dados cuja natureza é exploratória, posto que tem como principal meta ampliar os conhecimentos nesse campo de estudos, aprofundando no cotidiano da Educação Infantil. Para Clemente (2011, p. 13)

[...] a pesquisa exploratória permite ao [pesquisador](#) definir o seu [problema de pesquisa](#) e formular a sua [hipótese](#) com mais precisão, ela também lhe permite escolher as técnicas mais adequadas para suas pesquisas e decidir sobre as questões que mais necessitam de atenção e investigação detalhada.

Visando a colher dados e informações necessárias para explorar de forma mais sucinta e específica o tema da pesquisa, utilizei um questionário. De acordo com o tipo de pergunta, “[...] os questionários podem ser classificados em três categorias: questionários de perguntas fechadas; questionários de perguntas abertas; e questionários que combinam ambos os tipos de perguntas” (RICHARDSON et al,1999, p. 190). O questionário utilizado nesta pesquisa foi o de perguntas abertas, ”os questionários de perguntas abertas caracterizam-se por perguntas ou afirmações que levam o entrevistado a responder com frases ou orações” (RICHARDSON et al,1999, p. 192). Elaborei um questionário com cinco perguntas, porém apresento apenas quatro questões por motivos de extensão do trabalho. Fiz uso da observação participante com anotações em diário de campo. De acordo com Richardson et al (1999, p. 261), nesse tipo de observação:

O observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado [...]. O observador participante tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não participante.

Os dados foram obtidos através do contato direto com pessoas que conhecem ou convivem com a realidade do fato investigado, por exemplo - professoras e crianças - objetivando, assim, a uma melhor compreensão do objeto estudado. As observações ocorreram em uma semana, de segunda a sexta-feira, no turno matutino e vespertino do mês de Julho de 2015. Pude observar a rotina em sala de aula, de modo a analisar *in loco* o que cada professora compreende sobre a maneira como as crianças brincam, bem como, aplicar na escola, pessoalmente, o questionário com perguntas abertas. Assim, pude analisar quais as percepções das professoras sobre a separação das crianças no momento de brincar. Desse modo, a técnica utilizada na coleta trouxe informações importantes para a pesquisa.

Os dados coletados foram o resultado das respostas do questionário aplicado. Sob a perspectiva da problemática levantada, foi possível fazer uma análise contextual dos dados em



confronto com a bibliografia sobre gênero. Busquei investigar o entendimento das educadoras sobre a importância do trabalho com atividades que envolvam brinquedos e brincadeiras com meninos e meninas, confrontando suas respostas com a observação da rotina em sala de aula com as crianças, e em momentos lúdicos em que vivenciavam brincadeiras espontâneas e orientadas pelas professoras.

4 PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS SOBRE AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Com base nas respostas ao questionário aplicado, e sob o prisma da problemática levantada, foi possível fazer uma análise qualitativa, a qual objetivou a investigar o entendimento das educadoras sobre a importância do trabalho com atividades que envolviam brinquedos e brincadeiras com meninos e meninas. Estructurei as respostas das professoras descrevendo o que cada uma falou em quatro quadros demonstrativos, eos momentos de observação na rotina com as crianças estão elucidados de forma descritiva/analítica. Para as respostas de cada professora, identifiquei as quatro professoras como Professora A, B, C e D.

Quanto à primeira pergunta, indaguei o que as professoras entendiam sobre o conceito de gênero, obtive as respostas a seguir:

Professora A	Professora B	Professora C	Professora D
Gênero é descrição para homens e mulheres.	Gênero corresponde ao sexo de cada um.	Gênero é a separação dos sexos.	Acho que gênero é diferença de sexos de homens e mulheres.

Quadro 01-Conceito de gênero de professoras da educação infantil, Araruna(PB).

Fonte:Pesquisa de campo (julho/2015)

De acordo com a pergunta sobre gênero, as professoras A, B, C e D relacionaram gênero a diferença, separação e descrição do sexo. Elas conceituaram gênero como o sexo biológico que distingue e determina o sexo de cada indivíduo, porém gênero é uma construção social e cultural do sexo não determinada biologicamente. Em conformidade com Scott (1990):

[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (SCOTT, 1990, p. 7).

Dessa maneira, percebe-se que as professoras não compreendem o gênero com uma construção histórica e social, mas como a definição do sexo, ou seja, ao relacionada a aspectos físicos, com informações adquiridas do senso comum. De acordo com Carvalho (2000) “[...] as



diferenças físicas entre mulheres e homens são mediadas para cultura e pela estrutura social, e expressas como papéis sociais, posições e status desiguais”. Como coloca Scott (1990), gênero é um primeiro modo de dar significados às relações de poder. O gênero é determinado por valores e comportamentos entre homens e mulheres. O sexo é uma condição biológica e o gênero é a construção da identidade de ambos os sexos. Por esse motivo, não se pode determinar a orientação sexual da criança pelos seus comportamentos nem o gênero da criança pelo seu sexo biológico. Perguntei às professoras de quem meninos e meninas se aproximavam na hora de brincar, a seguir as respostas das professoras:

Professora A	Professora B	Professora C	Professora D
Os meninos dos meninos e as meninas das meninas	Meninos com meninos e meninas com meninas	Meninas com meninas, meninos com meninos	Alguns meninos com meninas, algumas meninas com meninos

Quadro 2 - Aproximação na hora de brincar entre meninos e meninas. Araruna(PB).

Fonte: Pesquisa de campo (julho/2015).

A maioria das respostas das professoras relata que meninos brincam com meninos e meninas brincam com meninas. O relato da professora D se constitui em uma exceção no conjunto de dados obtidos, já que ela evidenciou que alguns meninos brincam com meninas e alguns meninos brincam com meninos. É interessante verificar que a maioria dos relatos aponta para uma cultura desigual entre homens e mulheres que sugere uma distinção dos sexos pelas condições físicas e sociais que a sociedade impõe a homens e mulheres e, também, a meninos e meninas. Assim, os comportamentos e os valores subjacentes a essas diferenças no brincar, percebidos pela maioria das professoras, são determinados pela cultura e valores de gênero que reforçam as desigualdades de gênero na formação de meninas e meninos.

Durante as observações foi possível averiguar que as crianças têm seu grupo formado e suas escolhas definidas pelo sexo. Os meninos brincam em grupo sem interação com as meninas, do mesmo modo acontece com o grupo das meninas. Alguns meninos e meninas fogem dessa regra, porém logo são recriminados/as pelos/as colegas e pelas professoras a procurarem seu grupo de meninos ou meninas. Vianna e Finco (2009) orientam que esses comportamentos são consequências de uma educação de gênero muito diferente e específica para meninos e meninas, de acordo com o seu sexo.

Meninos e meninas, ao brincarem juntos, não construirão sua identidade mais masculina ou feminina, ou seja, a maneira de ser, agir, pensar e sentir reflete, de modo sutil, complexo e profundo, os contextos da experiência social. Assim, a definição dos objetos de desejo não pode



derivar em uma simples opção realizada de maneira mecânica, linear e voluntariosa. É preciso que a criança seja livre e tenha condições iguais de brincar para que seu desenvolvimento não seja interrompido.

Cunha (2005, p. 1) afirma: “[...] não há nada mais sério do que uma criança brincando”. Daí a pertinência da reflexão sobre o tema, tendo em vista que toda criança brinca em qualquer fase de sua infância, variando cada período do seu desenvolvimento e as ações sobre a brincadeira. O período e as ações viabilizam o diálogo e as relações entre meninos e meninas, auxiliando nas suas relações futuras como adultos.

O brincar tem caráter de produção, e, através dele, a criança vai construindo seu corpo, seu mundo, seus conceitos que lhe acompanharão pelo resto de sua vida (FINCO, 2003). Na terceira pergunta quero saber quem as professoras selecionavam para participar das brincadeiras que exigissem força, agilidade e rapidez e quem costumava ganhar:

Professora A	Professora B	Professora C	Professora D
Seleciono os meninos, pois eles são mais espertos nessas brincadeiras. Os meninos costumam ganhar	Os meninos, eles quem ganham.	Os meninos e as meninas. Os meninos ganham.	Os meninos, pois eles são mais fortes e destemidos. Os meninos vencem.

Quadro 3-Seleção das professoras quanto às brincadeiras para meninos e meninas, Araruna(PB).**Fonte:** Pesquisa de campo (julho/2015).

O quadro 03 mostra que as professoras A, B e D afirmam que escolhem os meninos para participarem de brincadeiras que exigem força, agilidade e rapidez. Apenas a professora C afirma que escolhe meninos e meninas para brincarem, porém todas as professoras afirmaram que os meninos são campeões nessas brincadeiras. As observações demonstraram que as professoras indicam os meninos para brincarem de pega-pega-brincadeira que consiste em correr, se desviar e defender, cabo de guerra- brincadeira em grupo ou dupla que exige força para puxar uma corda até conseguir puxar o adversário para lado oposto, e quando alguma menina pede para brincar, a disputa sempre ocorre entre meninos contra meninas.

Os meninos, na maioria das vezes, vencem. As professoras expressam uma preferência pelos meninos quando trabalham com brincadeiras que exigem maior esforço das crianças. Essa prática induz meninos e meninas a diferentes atividades e pretensões, reforçando a discriminação e os estereótipos de gênero. Esse pensamento estereotipado e preconceituoso passa de geração para geração.



Indaguei as professoras quais os brinquedos os meninos e meninas costumavam brincar na escola, elas responderam:

Professora A	Professora B	Professora C	Professora D
Os meninos brincam com bola e carrinhos. As meninas com bonecas, panelinhas, maquiagens.	Meninos carrinho e bola, Meninas, boneca e ursinho.	Meninos brincam com moto, carro, bonecos. Meninas brincam com bonecas, conjuntinho de panelas, chá, móveis.	Meninas com boneca, meninos com carro e bola.

Quadro 4 - Brinquedos que as crianças costumam utilizar na escola, Araruna(PB).

Fonte: Pesquisa de campo (julho/2015).

Os brinquedos que as professoras citaram para os meninos foram carrinho, bola, moto e boneco; e os brinquedos das meninas foram boneca, ursinho, maquiagem, panelinhas e móveis, na maioria das vezes tidos apenas para meninas brincar. Não houve nenhuma resposta em que os brinquedos dos meninos fossem considerados como brincadeira de menina e nenhum brinquedo das meninas como brincadeira de menino. Infelizmente, os brinquedos são classificados pelo sexo, os brinquedos devem ser compartilhados entre ambas as crianças. O brinquedo é, desde os tempos mais primitivos, um recurso visto como necessário ao desenvolvimento da criança (RAMOS, 1995). Dessa forma, acreditamos que não se pode desprezar o brinquedo como instrumento propício ao desenvolvimento da criança, independentemente de seu sexo.

Quando observamos brinquedos que as crianças costumam brincar na escola a escolha está de acordo com as afirmações das professoras. Os meninos brincam com carrinho, bonecos de personagens, monstros, bola, espada, cavalos, etc. Já as meninas brincam com bonecas, itens de cozinha, itens de maquiagem, ursinho de pelúcia, etc. Esses brinquedos deveriam ser partilhados entre meninos e meninas, sem predeterminações, sem rotulações. Ou seja, as crianças reproduzem, em relação aos brinquedos e às brincadeiras, os comportamentos que lhes são ensinados. O trabalho desenvolvido com a utilização do brinquedo possibilita a criança vivenciar papéis imaginários, algo tão necessário hoje nas instituições escolares: fazer o aluno imaginar. Brincar permite para a criança importantes mudanças em seu desenvolvimento psíquico. De acordo com Vygotsky (1989), no brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se a criança fosse bem maior do que é na realidade. Portanto, do ponto de vista desse autor, o brinquedo é essencial ao desenvolvimento da criança.

As práticas sociais das crianças com a linguagem e a brincadeira devem ser consideradas, além de desenvolver a interação, se aproxima da cultura, visando a promover uma maior aproximação da criança com o seu meio social e cultural proporcionando igualdade entre gênero.



De acordo com Finco (2003), a desconstrução do papel entre meninos e meninas deve ser passível de reflexão entre as diferenças de gênero na infância. Portanto, as professoras e a escola devem dar a devida atenção às brincadeiras, pois começando da criança até a fase adulta, o conhecimento desenvolve-se e permeia a construção das identidades de homens e mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, verificou-se que a criança é muito envolvida nas brincadeiras e pelo inusitado pelo brincar, a participação ativa do/a docente é de fundamental importância nesse processo. Percebe-se que a maior parte das educadoras pesquisadas ainda não trabalha com igualdade de gênero, visando a estimular a interação da criança, valorizando os conhecimentos, gostos, necessidades e anseios das mesmas. As crianças estão em processo de formação e precisam aprender desde cedo acerca da questão de gênero para que seja evitado no futuro o preconceito e a discriminação que não raras vezes resultam em práticas de violência.

Os resultados da pesquisa mostraram que as crianças não participam juntas nas brincadeiras e nem compartilham os brinquedos. As professoras alegam que os meninos são mais fortes, destemidos e até mesmo violentos e que podem ferir as meninas. Já em relação às meninas, elas afirmam que não são habilidosas nem fortes o suficiente para participarem de uma brincadeira que exige mais esforço. Os meninos se separam das meninas sempre que vão brincar. Atitudes como essa vão formando conceitos na mente das crianças, conceitos errôneos de que os meninos precisam manter distância das meninas na hora de brincar, e que as meninas também devem manter essa distância dos meninos, ou seja, estudam juntos, mas participam de maneira diferente na hora de brincar. Essas atitudes reforçam a ideia de que homens são mais fortes, destemidos, velozes e as mulheres são frágeis, doces e medrosas. Isso não traz mudança no pensamento e no comportamento das pessoas. É preciso refletir que educação está sendo dada às crianças, que valores, conceitos e comportamentos estão sendo reforçados chegando ao ponto de ser reproduzido. Não é o papel da escola, nem tão pouco do/a professor/a espalhar essas ideias e atitudes. O papel deles/as é ser flexível e tratar com igualdade e ensinar aos alunos/as gênero e diversidade desde cedo.

Sendo mais flexíveis, as professoras ficam mais próximos/as de alcançar a equidade de gênero pondo um fim na desigualdade entre homens e mulheres, meninos e meninas. Não é somente a inserção do conceito de gênero nos currículos contribuiria para repensarmos as relações hierárquicas, mas, na esfera política, a vivência de igualdade de gênero no espaço escolar seria oportuna para ampliarmos as perspectivas democráticas que estão em construção no país.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Leinº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

CHARLOT, B.O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30,jul/dez, 2008.

CARVALHO, M. P. Gênero e política educacional em tempos de incerteza. In: HYPOLITO, A. M.; GANDIN, L. A. (orgs.) **Educação em tempos de incertezas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CLEMENTE, G. P. A.et al. **Comparação entre diferentes referências**. **Revista Paulista de Pediatria**,v.29, n.2, mar/set,2011. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rpp/v29n2/a07v29n2.pdf> >. Acesso em: 15 out. 2015.

CUNHA, S. H, N.**Brinquedos, desafios e descobertas**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.

FARIA, G. L. A.Infância e educação: As meninas. **Cadernos Cedes**,v.22, n.56, abr, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n56/10861.pdf>>. Acesso em:10 set. 2015.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas,v.14, n.3 (42), Set./Dez, 2003. Disponível em: <<http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Rela%C3%A7%C3%B5es-de-genero-nas-brincadeiras-de-meninos-e-meninas.pdf>>. Acesso em:15 set. 2015.

GALLARDO, G.; VALENZUELA, M. de L. Uma alternativa de equidade de gênero na pré- escola. In: FARIA, N. et al. (Org.). **Cadernos sempre viva organização feminista - SOF**, gênero e educação. São Paulo: SOF, 1999. p. 40-54.

GOMES, O, L, V. A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em creches.**Revista eletrônica de enfermagem**,v.10, n.1, 2008. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v10/n1/pdf/v10n1a13.pdf>. Acesso em:20 set. 2015.

JESUS, G. J. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.soumaiscasper.com.br/wp-content/uploads/2015/03/ORIENTA%C3%87%C3%95-ES-SOBRE-IDENTIDADE-DE-G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS-2%C2%AA-Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 05 set. 2015.

LOURO, L, G. **Gênero, sexualidade e educação**:Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

KISHIMOTO, M. T. Froebel e a concepção de jogo infantil,**Revista da USP**. São Paulo, [v. 22, n. 1](#), 1996. Disponível em: <www.revistas.usp.br/rfe/article/download/33600/36338>. Acesso em:31 out. 2015.



KISHIMOTO, M, T; ONO, T, A. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pró-Posições**. Campinas, vol.19, n.3, set/dez, 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000300011>. Acesso em: 02 out. 2015.

RAMOS, L. A. C. M. **Jogar e brincar**: representando papéis, a criança constrói o próprio conhecimento e, conseqüentemente, sua personalidade. 1995. Trabalho de Curso (Especialização em Psicopedagogia) Instituto Catarinense de Pós graduação, Associação Educacional Leonardo da Vinci, Indaial (SC), 1995. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev01-07.pdf>>. Acesso em:05 out. 2015.

RICHARDSON, J.R.et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSEMBERG, F. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol.27, n.1, nov., 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022001000100004&script=sci_arttext>. Acesso em:27 set. 2015.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 20, n.2, 1990. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso em:08 set. 2015.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**,v. 33, jul/dez, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332009000200010&script=sci_arttext>. Acesso em:17 set. 2015.

VIDIGAL, S, C, M. **Primeira Infância**. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. 2013. Disponível em:<<http://www.fmcsv.org.br/pt-br/Paginas/primeira-infancia.aspx>> Acesso em: 31 out. 2015.

VYGOTSKY, S. L. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1989.